



Introdução	2
A Igreja Canta - A Igreja Militante	3
- Semelhantes a Jesus	3
PARTE I - Graça e Discipulado - temas urgentes	4
Introdução	4
A) Testemunhar a graça	5
B) Graça, Salvação e Santificação	8
C) A Graça Salvadora e Justificadora em Wesley	9
D) Testemunhar a graça de Deus hoje, denunciando os pecados sociais	11
E) Testemunhar a graça e fazer discípulos	12
F) Perfil dos/das Discípulos/as de Cristo	16
PARTE II - Pastor/a e Discipulador/a no dia a dia da missão	18
A) Aprendendo com o apóstolo Paulo a discipular	18
B) O discipulado e sua organização em grupos pequenos	21
C) Grupos de Edificação, Santificação, Maturidade Cristã e Evangelismo	25
Conclusão	26

## INTRODUÇÃO

“Graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.” (Ef 1.2)  
Com alegria entregamos à Igreja a “Carta Pastoral Testemunhar a Graça e Fazer Discípulos”.  
Considerando os nossos compromissos na missão, quais sejam,

1. Manter fidelidade aos fundamentos da fé cristã e obediência ao mandato de Cristo.
2. Celebrar os sacramentos e cultuar a Deus em adoração comunitária, participativa.
3. Anunciar e viver a experiência da Graça de Deus acolhida pela fé em Cristo.
4. Fortalecer e promover a ação da igreja local como comunidade cristã de Dons e Ministérios, inserida no mundo.
5. Produzir os frutos da nova vida em Cristo, na perspectiva do Reino de Deus.
6. Produzir um zelo evangelizador na vida de cada metodista, de cada igreja local.
7. Capacitar e desenvolver o ministério pastoral de modo a cuidar da Palavra, da formação, da unidade e conexão na Igreja Metodista.
8. Valorizar a presença e papel dos ministérios de leigos e leigas nos vários aspectos da missão da Igreja.
9. Desenvolver e promover educação cristã de modo constante na vida da Igreja.
10. Ser uma comunidade de fé que se reconhece como Igreja que é parte da totalidade do Corpo de Cristo.
11. Desenvolver uma política de comunicação, interna e externa, que norteie as nossas intenções, sistemas e uso de diversos meios de comunicação.
12. Agir de modo unido, conciliar e conexional em nosso propósito missionário.

os bispos e a bispa, em ambiente de comunhão, oração, estudo, reflexão, como Colégio Episcopal, estabeleceram os temas eixo para os dois biênios que se seguem, que são:

- Testemunhar a graça e fazer discípulos,
- Testemunhar sinais da graça na unidade do corpo de Cristo.

Estes temas são facilitadores, articuladores e mobilizadores de nossa vida e missão enquanto “comunidade missionária a serviço do povo, espalhando a santidade bíblica por toda terra”.

Em nosso zelo pastoral discernimos que se faz necessário, além de escrevermos esta carta, escolhermos dois cantos espirituais que possam ser parte também desta carta. Um destes cânticos é de nosso Hinário Evangélico e o outro é um hino contemporâneo. São dois cânticos que precisam ser cantados frequentemente em nossos cultos e celebrações. Toda nossa comunidade deve tê-los em seu coração e mente, pois eles afirmam nossa identidade e compromisso.

Que no biênio 2008-2009 a presença da graça sobre sua vida pessoal e comunitária possa ser o marco do fazer discípulos.

Com amor fraternal,

**Bispo João Carlos Lopes**

Presidente do Colégio Episcopal

## A IGREJA CANTA

### A IGREJA MILITANTE

*José Joaquim Pereira Rodrigues*

Eis a escrava resgata!  
Grande preço Cristo deu;  
Não foi ouro nem foi prata;  
Mas o sangue que verteu.

*Grande foi a tua graça  
Que por mim assim mostraste;  
Para meus grilhões partires  
Tua vida não poupaste.*

Pois agora que sou tua,  
Não te quero mais perder,  
Antes, meu Senhor, servir-te  
Grata, e só por ti viver.

Quero receber teu jugo,  
E em teus passos caminhar;  
Se por ti eu sofro tudo,  
Vou contigo em paz reinar.

Todo o amor por ti sentias  
Padecendo a dor da cruz.  
Veste-me da tua glória!  
Vem! Oh! Vem, Senhor Jesus.

### SEMELHANTES A JESUS

Asaph Borba

Eu quero ser semelhante a Jesus  
Eu quero ser semelhante a Jesus  
Ser discípulo, tomar a cruz  
Seguir seus passos ser sal e luz  
Eu quero ser semelhante a Jesus  
Deus me salvou e me chamou  
Para um plano perfeito  
Para ser a imagem do seu filho  
Sem mancha, sem ruga ou defeito  
Para seu louvor e prazer  
Para guerrear e vencer  
Por isso é que eu quero ser  
Semelhante a Jesus  
Não me conformar com este século  
Mas ser por Jesus transformado  
Para conhecer sua vontade  
Com meu rosto desvendado  
Em todo o meu agir e falar  
No meu sentir e no meu pensar  
Eu quero em todo meu andar  
Ser semelhante a Jesus  
Andar no Espírito  
Ser cheio de amor  
De mim mesmo me esvaziar  
Servir ao meu Deus  
Com grato louvor  
Viver para adorar

**PARTE I**  
**GRAÇA E DISCIPULADO: TEMAS URGENTES.**

**Introdução**

Nossa abordagem sobre este tema é extremamente gratificante, pois falar da graça e do discipulado é, para nós Metodistas, caminhar no núcleo da nossa herança bíblica doutrinária, o que é bom por nos ajudar a fortalecer nossa identidade cristã Metodista.

Por outro lado, falar de graça é confrontar o espírito do nosso tempo onde tudo tem preço. É mesmo subverter a ordem vigente, visto que a doutrina da retribuição, do “toma lá dá cá”, deveria estar restrita à teologia católica romana, da salvação pelas obras, ou de doações meritórias, mas penetrou definitivamente no meio evangélico, e hoje encontramos pastores, pastoras e líderes intimando o povo a dar para receber. Há mesmo quem declare abertamente: “É dando que se recebe...”, sem saber que estão repetindo uma frase de São Francisco de Assis, a qual estava coerente com sua doutrina católico-romana. Mas para nós que cremos na salvação pela graça mediante a fé, esta afirmação é falsa ou, o que é pior, é um oportunismo acintosamente desonesto: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.” (Ef 2.8-9),.

Junto a isto, queremos seguir refletindo e praticando o discipulado, o qual já mereceu do Colégio Episcopal toda uma coleção de textos, além de vários escritos de Bispos e outras lideranças metodistas sobre o tema.

No entanto, queremos indicar o caminho simples e prático do “fazer discípulos”, enfatizando a prática de Jesus, da Igreja primitiva, de Paulo e de João Wesley, de modo a deixar claro o caminho que o povo metodista deve seguir, num tempo onde um tema tão básico bíblicamente acaba assumindo tão diversos contornos no mundo evangélico.

Assim é que, num momento muito oportuno, a Igreja une ao tema nacional duas temáticas bíblico-doutrinárias extremamente urgentes e atuais. O anúncio da graça em Cristo supõe e espera convertidos e discípulos desta graça como, sabiamente, o Apóstolo Paulo colocou: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus.” (Tt 2.11-13). Deixa claro que a graça chama discípulos e discípulas para o caminho de Cristo.

**A) TESTEMUNHAR A GRAÇA. O QUE É TESTEMUNHAR?**

a) A IMPORTÂNCIA DO TESTEMUNHO

Devemos começar perguntando: O que é testemunhar ou por que testemunhar?

Quando falamos de testemunho, a primeira coisa que vem à mente de muitos de nós é um tribunal. Ali é que estão o juiz, o advogado e as testemunhas. Mas, testemunho, na verdade, é um termo que designa alguém que participou de um acontecimento, e sente necessidade de contar o que viu; ou, por força de lei, é obrigado a testemunhar o que viu e sabe.

E nós, cristãos, o que temos para contar? O que temos a testemunhar? Temos participado de algo ou visto algo importante? A resposta é que fomos alcançados pela maravilhosa graça de Jesus e temos muito o que contar. Quando Jesus curou o cego de nascença (Jo 9.24-33), todos tiveram medo de declarar que o homem havia sido curado por Jesus, certamente por terem medo dos fariseus. Principalmente porque a cura ocorrera num sábado. Mas o homem que havia sido curado enfrentou os fariseus, pois tinha algo a dizer. Declarou abertamente seu testemunho: “... uma coisa eu sei: eu era cego, e agora vejo.” (v. 25).

Nós precisamos testemunhar sempre que tivermos oportunidade, porque há muitas pessoas carentes de Jesus. Pessoas para quem a graça e o amor de Deus são desconhecidos. Em função disso, nosso testemunho é vital, pois é o meio que Deus usa para alcançar outras pessoas com o Evangelho. No testemunho, está incluído não apenas o que podemos dizer acerca de Jesus, mas também o nosso modo de viver e agir: quem se encontra com Jesus sente-se amado. Quem se encontra com Jesus passa a amar seu próximo e a ele dar seu testemunho da graça salvadora e justificadora.

A partir do momento em que recebemos a Cristo como Salvador, está sobre nós uma grande responsabilidade, que é viver em Cristo (cf. Fp 1.21). Paulo mostra que testemunhar é um modo de viver, sendo que nós passamos a ser embaixadores de Cristo. Nossa maneira de viver deve recomendar o Evangelho, nunca envergonhá-lo. Testemunhar é viver por modo digno do Evangelho de Cristo, em todo tempo, apontando sempre para o amor salvador e para o senhorio de Jesus sobre a nossa vida.

b) NO CAMPO DA PALAVRA.

*Graça* é uma das palavras chaves da Bíblia e na versão Almeida atualizada ela ocorre 339 vezes, sendo 125 no Antigo Testamento e 214 no Novo Testamento. Nem sempre traduz o mesmo termo do original, especialmente no Antigo Testamento.

Por que é importante sublinhar tal fato? A resposta aponta para a necessidade de sermos mais observadores na amplitude do uso do termo, pois foi devido à frequência do uso que o

termo foi ganhando conteúdo teológico. Ao ser usado, por exemplo, para expressar uma ação humana como *hanan*, que significa compaixão pelo próximo ou suplicar por compaixão, assim como fez o capitão Sírio suplicando a Elias que os poupassem, a ele e aos seus soldados. O capitão buscava graça, suplicava por compaixão (cf. 2Re 1.13). Há uma crescente vinculação com Deus, como sujeito no uso do termo: na saga de Noé é dito no seu início que Noé havia achado *graça* diante do Senhor.

Do ponto de vista do Antigo Testamento, ainda que na história da criação não se usa o termo *graça*, Deus entrega a criação ao homem para dela usufruir e administrar como uma dádiva graciosa: “E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.” (Gn 1.29). O termo: “Eis que vos tenho dado” indica com clareza o propósito amoroso e gracioso de Deus. Podemos com firmeza dizer que nesta visão bíblica, testemunhar a *graça* desde o Antigo Testamento na história da criação é um ato de defesa da ecologia, da integridade da criação.

Examinando a partir da perspectiva de Noé, *graça* tem uma dimensão de vocação, pois Noé encontra *graça* diante de Deus e recebe uma visão e missão de redenção da humanidade e da criação. Ele não é salvo sozinho e sim com sua família e também com todos os outros seres do reino animal. Desde aí, *graça* é favor imerecido que alcança a muitos.

No Novo Testamento há um amplo uso do termo. Jesus usa especificamente o termo *graça* 3 vezes. A primeira em Mateus, quando recomenda: “... de graça recebestes... de graça daí...” (Mt 10.8), indicando o modo de proceder de seus enviados, os discípulos, no contexto da missão. A segunda, quando em confronto com a dureza de coração dos judeus, especialmente os religiosos, ele diz em oração: “Graças te dou, ó Pai, Senhor dos céus e da terra, porque ocultastes estas cousas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos.” (Mt 11.25). Aqui fica claro que a sabedoria e o conhecimento de Deus são obra, antes de tudo da *graça*. O terceiro momento se dá frente ao túmulo de Lázaro: “Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste.” (Jo 11.41). Em seguida, ordena que Lázaro venha para fora e este o atende. Há ainda outras ocorrências, como no momento da instalação da ceia do Senhor, todos os textos testemunham que Jesus “tendo dado graças tomou o pão e o partiu.” Este texto refere-se à Páscoa, na tradição judaica, quando o favor de Deus, em livrar os judeus do jugo do Faraó, era recordado. Puro ato gracioso de Deus para com Israel. Assim como o pão e o cálice do vinho celebram a morte expiatória na cruz por nossos pecados, Paulo vai dizer: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça.”

Há ainda, na dimensão da ação graciosa de Deus ao seu povo, uma passagem que é emblemática, entretanto sem o uso do termo específico *graça*:

É o convite de Deus a Israel cativo em Babilônia no livro da consolação de Isaías 40-55, No capítulo 55.1-2 diz: *“Ah! Todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e vós os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares.”* Como na criação, aqui já não há suor, nem necessidade de dinheiro para adquirir o necessário: vinho, leite e pão, pois tudo é oferecido gratuitamente. E, o anúncio do tempo da *graça* por inteiro é o eterno intento divino. Certamente, Jesus ao anunciar a vida abundante (Jo 10.10), ou Paulo em seus vários anúncios da *graça* sublinha isto: *“Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.”* (Rm 5.14).

Ainda neste rico campo da *graça* anunciada, oferecida por Deus, há o retorno, que são as Ações de *graça*, uma forma literária que vem do Antigo ao Novo Testamento, que é a resposta do povo a Deus, por sua *graça* sustentadora, libertadora e salvadora. Desde o Levítico, onde a vida cültica e primitiva de Israel é normatizada, menciona-se que no culto a Deus, o sacrifício é uma oferta de Ações de *graça*: *“Esta é a lei das ofertas pacíficas que alguém pode oferecer ao SENHOR. Se fizer por ação de graças, com a oferta de ação de graças trará bolos asmos amassados com azeite, obreias asmas untadas com azeite e bolos de flor de farinha bem amassados com azeite.”* (Lv 7.11-12). Mas, sem dúvida, *graça* é mencionada acima de tudo nos Salmos, na grande maioria em ações de *graça*. Em 62 vezes é mencionada a *graça* de Deus nos Salmos: *“Graças te rendemos, ó Deus; graças te rendemos, e invocamos o teu nome, e declaramos as tuas maravilhas.”* (Sl 75.1). É só um exemplo.

No Novo Testamento tornou-se fórmula de fé e saudação muito usada. Nas cartas em geral, tal expressão de gratidão é ainda hoje usada como saudação: *graça e paz!* *“Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo ...”* (Ef 1.2-3).

## B. GRAÇA, SALVAÇÃO E SANTIFICAÇÃO NA IGREJA PRIMITIVA

As primeiras palavras importantes sobre a graça estão no início dos Evangelhos, e se encontram no Evangelho de João: *“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai... Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.”* (Jo 1. 14 e 16-17). Para a Igreja estas palavras do Apóstolo João dizem mais a nós ainda hoje do que qualquer compêndio teológico pode dizer sobre a graça. Aqui está o centro do que o Espírito trouxe de compreensão à Igreja Primitiva, especialmente que estas afirmações de fé foram sendo construídas durante a caminhada da Igreja no primeiro século. Ela é fruto de celebração, ensino, pregação, e, acima de tudo, intimidade com o Deus da graça na vida de um servo d’Ele chamado João, o Apóstolo.

Sobre o prólogo de João (Jo 1.1-14), especialmente o verso 14 que o encerra, A. Feuillet, em seu estudo sobre o prólogo, diz: *“E o Logos (verbo) se fez carne”*, representa um ponto culminante na evolução do pensamento. Na opinião quase unânime dos estudiosos, a repetição da palavra Logos (verbo), que não reaparece desde o primeiro verso Jo 1.1, visa criar contraste entre o primeiro e o fim da unidade, retornando no verso 14, e complementando o conteúdo da obra do Filho de Deus. Ou seja, realça-se o caráter gracioso e prodigioso deste acontecimento histórico: a encarnação de Jesus, o Filho de Deus. E isto se dá pela graça de Deus, para que recebamos da plenitude de Deus, Jesus: *“...temos recebido sua plenitude, e graça sobre graça”*. Isto significa que a graça a ser testemunhada pela Igreja, e que está sempre plenamente disponível, e pela qual não se precisa pagar mais nada, tão somente nossa fé e entrega total a ela, é a maravilhosa graça de Jesus.

Depois de João, Atos dos Apóstolos registra a graça de Deus como a própria dispensação e derramamento do Espírito Santo na vida das comunidades nascentes. A partir do Pentecostes, referem-se aos textos ou aos grupos: *“Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.”* (At 4.33) ou aos ministérios de pessoas, como Estevão: *“Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.”* (At 6.8). Ou mesmo a grande mudança teológica do cristianismo da passagem da “salvação pelas obras da lei” para a “salvação pela graça” em que Pedro durante o Concílio de Jerusalém enfatiza isto: *“Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram.”* (At 15.10-11).



Ademais disto temos então o Apóstolo Paulo, expondo em diversas de suas cartas a salvação pela graça em dois textos chaves: *“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.”* (Rm 3.23-26) ou nas conhecidas expressões de Ef. 2.8-9: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.”*

### C. A GRAÇA SALVADORA E JUSTIFICADORA EM WESLEY

Vejam os ainda, sobre pecado e graça, o que nos expõe o Dr. Marquardt e o Bispo Klaiber no Livro *Viver a Graça de Deus*:

*“Por que Deus não impediu que Adão, e com ele todos os homens, tenham caído em pecado? Por que lhes deu a liberdade de decidir-se até mesmo contra Deus e os mandamentos de Deus?”*

Essas perguntas são colocadas por Wesley em diferentes passagens de sua obra, acrescentando logo a resposta: justamente, a liberdade corresponde à natureza essencial do homem, tal como Deus o quis criar como seu parceiro na criação, e logo passa à impressionante afirmação, tirada de Romanos 5.15-21:

*‘se Adão não tivesse pecado, Jesus Cristo não teria morrido e nós não teríamos podido compreender a plenitude e a profundidade do amor de Deus’.*

Portanto, o verdadeiro amor a Deus e ao próximo foi possibilitado somente pela obra salvífica de Deus e indiretamente por causa da queda de Adão!

*‘Nisto não só apareceu a justiça, mas sobretudo a indizível bondade de Deus. De fato, quanto bem tira Deus continuamente desse mal! Quanta santidade e felicidade, desse sofrimento!’*

Wesley, em absoluto, não deduz daí qualquer ‘desculpa’ para os homens pecadores; mas, em última análise, o pecado do homem não está em total contradição com a vontade salvadora de Deus, pois deve estar a seu serviço, sob uma forma sumamente dialética e inesperada! Na mesma medida em que Wesley retorna aqui toda a profundidade do pensamento paulino em Romanos 5.15-21, ele também se

apropriada da apóstrofe de Paulo em Romanos 6.1, na qual é afastada qualquer mal-entendido deste modo de ver.

Falar de pecado e graça não só significa falar da superioridade do poder da graça sobre o poder e os efeitos do pecado, mas significa também a necessidade de anunciar a derrota do pecado pela graça libertadora de Deus. Este ponto deveria tornar-se o centro da soteriologia wesleyana e de sua doutrina sobre a graça!”<sup>1</sup>

João Wesley concebeu a graça de forma original. Seu conceito de graça preveniente é uma contribuição wesleyana à doutrina da salvação. Disse ele: “A graça preveniente no pecador, desperta a fé na verdade da mensagem da salvação (...) juntamente com uma primeira motivação para a esperança e o amor de Deus.” Já a graça justificadora é a que age imediatamente naquele que foi alcançado pela graça preveniente, e é a graça salvadora oferecida com a vinda do Filho de Deus ao mundo, como diz João: “... temos recebido sua plenitude e graça sobre graça.” Assim a graça justificadora vai consistir<sup>2</sup> na purificação do passado do homem e da mulher, perdão da culpa, e absolvição da acusação que a lei levanta contra nós. Este aspecto está à frente, em Wesley. A justificação se dá baseada na morte vicária de Jesus, pela qual foi feita satisfação à justiça de Deus; na qual o castigo foi cumprido por Cristo, pela qual, ao mesmo tempo, foi criado espaço para a misericórdia de Deus, pela qual Ele justifica todo aquele que crê em Jesus.”

Segue-se no agir da graça de Deus na vida do cristão, que além de operar prevenientemente, salvadoramente e justificadoramente, a ação da graça na compreensão de João Wesley, vai continuar agindo em sua vida para santificação, sim, para perfeição cristã, de modo a produzir nele uma vida de conformidade com a vontade de Deus. W. Klaiber diz que o fundamento da santidade é a ação “graciosa” e salvadora de Deus na morte de Jesus, por cujo sangue tudo que separa, tudo que é impuro, não santo e injusto, é afastado do homem, pois através de Cristo o homem escravizado ao pecado foi comprado para Deus (Cf. 1Co 9.19). Assim, a graça santificadora não somente é uma continuação do processo de justificação, mas presente em toda ação redentora de Deus em Cristo.

Deixemos Wesley falar como ele vê esta operação da graça para a justificação e pela santificação. O novo nascimento não é o mesmo que santificação. Quando somos nascidos de novo, começa a nossa santificação, a nossa santidade interna e externa, e daí em diante temos de “crescer gradualmente naquele que é nossa cabeça”. Esta expressão do Apóstolo ilustra admiravelmente a analogia que há entre as coisas naturais e as espirituais. Uma criança nasce de

---

<sup>1</sup> Klaiber, W; Marquardt M. – *Viver a Graça de Deus.*” São Paulo: Editeo. 1999. Pg 141.

<sup>2</sup> Klaiber, W; Marquardt M. – *Viver a Graça de Deus.*” São Paulo: Editeo. 1999. Pg 279.

uma mulher no momento ou pelo menos num curtíssimo espaço de tempo, depois cresce gradual e vagarosamente até que atinge a estatura de um homem. Do mesmo modo uma criança nasce de Deus num curtíssimo espaço de tempo senão num momento. Mas é lentamente que ela alcança a medida da plena estatura de Cristo (Ef 4.13ss). A mesma relação que existe, portanto, entre o nosso nascimento natural e o nosso crescimento, existe também entre o novo nascimento e a nossa santificação.<sup>3</sup>

Derivado do conceito graça está o registro de Paulo em I Coríntios 12 onde se afirma que os dons do Espírito são carismáticos, ou dons da graça (I Co 12.4). *Diareseis de carismatôn eisin, tó de auto pneuma = Diversos são os dons, mas o Espírito é o mesmo.*

Deste modo, fica claro: a graça de Deus que opera através de Jesus para Salvação, continua a atuar no cristão para seu crescimento e capacitação para os ministérios cristãos. (Ver também Ef 4.7-16).

Neste sentido é que incorporamos, entre nós metodistas, o conceito da Reforma, do Sacerdócio Universal de todos os crentes, pois, afinal, temos todos recebido do mesmo Espírito dons para o serviço missionário cristão.

#### **D) TESTEMUNHAR A GRAÇA DE DEUS HOJE, DENUNCIANDO OS PECADOS SOCIAIS.**

Já temos claro o que é graça de Deus, e reconhecemos que a vida que temos, a criação, o nosso nascimento, nossa família e a sociedade são graças de Deus. Sabemos, porém, que a grande maioria das pessoas, grupos sociais, e mesmo nações, não reconhecem isto, e por isso a vida que eles têm não é permeável e dirigida pela graça de Deus. Sabemos também que a graça de Deus é negada por forças da morte que exploram crianças e adolescentes, oprimem, corrompem e negam ao pobre o que por Deus foi dado a todos.

Nosso envio ao mundo através do: “Ide e pregai a toda criatura...” (Mc 16.15) ou “Ide e fazei discípulos de todas as nações .” (Mt 28.19) é uma tarefa de, acima de tudo, estender o amor e a graça de Deus a todas as pessoas, sem fronteiras. O anúncio é inclusivo: “Vinde comprai sem dinheiro e sem preço vinho e leite... por que gastais o nosso suor naquilo que não satisfaz...” (Is 55.1-2). É anúncio antigo e contemporâneo. Ou ainda: *“Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi.”* (Is 55.3). Este é um tremendo convite de Deus que

---

<sup>3</sup> *Sermões: “O novo nascimento”, IV, 3, (S, II, 239-240).*

deveríamos repetir a todo tempo! Deus está querendo receber este mundo aflito, com abundante graça, amor e perdão. Outro convite é o de Jesus: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”* (Mt 11.28-30) Devemos proclamar a altas vozes, quantos estão sobre cativeiros infernais, de ódio, vícios, prostituição, andam cegos, cheios de tristeza, oprimidos, ansiosos pelo nosso testemunho da graça. Abramos os lábios e testemunhemos: eis o ano aceitável da graça do nosso Deus! É o ano da justiça, tempo de restituição graciosa aos que pelos poderosos foram negados os direitos básicos da vida, casa, educação, saúde, etc.

## **E) TESTEMUNHAR A GRAÇA E FAZER DISCÍPULOS**

A realidade e dependência da graça de Deus na vida cristã impõe sua valorização e sua continuidade no crescimento daqueles que são alcançados por ela. Aqui entra o discipulado cristão, que no entendimento Metodista, os/a Bispos/a definiram da seguinte forma:

### A).O que é o Discipulado - Visão do Colégio Episcopal.

Percebe-se, à primeira vista, que o Discipulado, antes de ser um método, é um estilo de vida, uma maneira de ser, no expressar evangélico de nossa fé. Não visa, de início, ser um processo didático de aprendizagem. Nem mesmo uma forma pragmática de crescimento para a Igreja. É algo bem mais relacional, que busca, à luz do próprio Cristo, fundamentar a comunhão, a convivência, a comunicação e a formação do caráter das pessoas relacionadas com o Senhor e com Sua comunidade – a Igreja, corpo vivo de Cristo. Essa foi a maneira de ser do Senhor com a comunidade primitiva e da comunidade apostólica, bem como a convivência inspiradora, fraternal e comunitária do povo metodista, a partir de sua grande expressão – João Wesley.

#### A.1 - Estilo de Vida.

O Discipulado é o modo de vida, o estilo que caracteriza a vida daqueles que estão comprometidos com o Reino de Deus, que fazem da Nova Justiça, ou seja, dos valores éticos e da justiça do Reino uma prioridade na sua vida e que se dedicam integralmente ao serviço cristão, ao evangelismo e ao testemunho, em cumprimento à vontade de Deus Pai.

Esse modo de vida é descrito, principalmente, no Sermão da Montanha. (cf. Mt 5, 6 e 7).

Discipulado busca algo mais do que um mero processo educativo. Ele é um estilo de vida, uma maneira de ser em que as pessoas se relacionam, entram em comunhão, acolhem umas às outras, compartilham o que são, sentem e carecem; oram umas pelas outras, louvam e adoram ao Senhor juntas, estudam a Palavra à luz da graça, da experiência e da razão da comunidade da fé.

Nesse sentido, vivem e cumprem o que a Palavra nos diz:

- Levar os fardos uns dos outros – Gálatas 6.1-2;
- Acolher-se mutuamente conforme Cristo nos acolheu – Romanos 15.7;
- Apoiar, ser o suporte uns dos outros – Colossenses 3.13;
- Perdoar-se mutuamente – Efésios 4.32;
- Expressar o amor mutuamente – Efésios 5.1-2;
- O mais forte é convidado a suportar e ser o suporte mais frágil – Romanos 15.1;

Cristo e sua comunidade apostólica experimentaram esse estilo de vida. Wesley vivenciou essa mesma realidade na dinâmica da vida cristã em suas comunidades primitivas. Dessa forma, o processo de santificação tornou-se de alcance pessoal e social. É na vivência da comunidade que a dinâmica do Discipulado é desenvolvida. Ele não é algo isolado, mas integrado aos propósitos básicos missionários da Igreja, comunidade viva do corpo de Cristo. Nesse sentido, é um espaço aberto, transparente e de diálogo.

#### A.2 - Método de Pastoreio.

O Discipulado pode ser usado como método de pastoreio, no qual o pastor e a pastora dedicam maior atenção aos grupos pequenos e promovem, dessa forma, relacionamentos mais fraternos e pastoreio mútuo entre os membros da Igreja. Assim, a Igreja de Tessalônica foi orientada a admoestar os “insubmissos”, a consolar os “desanimados”, a amparar os “fracos” e agir com longanimidade para com todos (cf. 1 Tessalonicenses 5.14).

Ao desenvolver o pastoreio mútuo, a Igreja ensina sua membresia a valorizar os relacionamentos e a praticar o respeito de uns para com os outros.

#### A.3 - Estratégia para o cumprimento da Missão.

O Discipulado, integrado ao programa docente da Igreja, pode ser considerado uma estratégia que possibilita o envolvimento dos membros na missão. Estudando o capítulo 10 de Mateus, chamado de Sermão Missionário, chegamos à conclusão de que Discipulado pressupõe o envio para o cumprimento da missão (Mateus 10.24-25). Esse texto é a chave para a compreensão de todo o capítulo, no qual se encontram recomendações de Jesus para o

cumprimento do envio missionário. Podemos dizer que encontramos no Sermão Missionário a objetividade do Discipulado.

B) Nossa situação hoje e a prioridade do Discipulado - A situação da Igreja hoje e a Prioridade do Discipulado.

Antes de entramos no nosso tema refletamos sobre sua relevância hoje para a Igreja.

O momento em que vivemos está profundamente permeado pelas forças do mercado, em especial, o mercado globalizado. O individualismo justifica a indiferença. A busca do lucro a qualquer preço passa a ser parte fundamental da ideologia dos grupos religiosos de “sucesso”. A exclusão social das multidões, sem acesso ao mercado, ao lado da valorização do sucesso pessoal de quem sabe competir ou gozar as vantagens do oportunismo, agravam a violência social. O quadro religioso se tornou confuso com a emergência dos novos critérios, distantes dos valores éticos fundados na valorização da vida, da solidariedade e do amor. A decisiva mediação da graça de Deus foi eliminada.

A Igreja de Cristo vive dramaticamente esse momento. Ao mesmo tempo em que se constata uma grande movimentação religiosa, com uma constante busca de Deus, na verdade a maioria busca o transcendente, o sobrenatural, o místico e o mágico. As fronteiras religiosas se confundem. Perdeu-se o equilíbrio entre ortodoxia e ortopraxia: não se pensa a fé, vive-se uma “fé”. Cresce o divórcio com a natureza, com a racionalidade, sem falar com na tradição e com outros elementos fundamentais para entender e viver a experiência religiosa cristã. Vive-se uma conturbação religiosa na qual nós, metodistas, somos visivelmente afetados/as. Dentro desse quadro, as pessoas são, em grande número, levadas por “todo o vento de doutrina”, “agitadas de um lado para outro”. Na verdade, há uma busca intensa de algo que traga às pessoas esperança e vida. Cabe aqui a clareza da ordenança de Jesus. (Cf. Mt 28.18-20).

Esta breve identificação da nossa realidade põe diante de nós, Igreja Metodista, em especial o corpo pastoral, a urgente necessidade de sermos discípulos e fazermos discípulos. Nosso compromisso precisa ser formarmos nos nossos membros homens e mulheres de Deus, maduros na Palavra, sabendo ser este o processo em que a Igreja dá prosseguimento a ação eficiente, sabedora da graça de Deus. Em nossa mente tem de estar o que Jesus ordenou: “Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” (Mt 28.18-20). “O qual nós anunciamos,

advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.” (Cl 1.28).

C) Ser e fazer discípulo, conforme aprendemos de Jesus.

Jesus fez uma clara opção de, acima de tudo, investir tempo e ensino recebido do Pai nos doze que o Pai lhe dera, por isso declarou na sua oração final: “Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.” (Jo 17.8). E nos deixou a grande comissão: “Indo **fazei** discípulos, batizando-os .... e ensinando-os.” (Mt 28.19-20).

Assim, desde o início do seu ministério, Jesus investiu nos 12 apóstolos e nos 70 discípulos (cf. Lc 6.12-16; Lc 10.1). Sempre, no propósito de ensiná-los a viver uma vida segundo o propósito de Deus, tomava as mais diversas situações da vida, e com simples figuras lhes ensinava o caminho a seguir: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.” (Mt 5.21-22). Ou mesmo: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha.” (Mt 7.24).

Jesus fez severas exigências aos seus discípulos, as quais, hoje, andam meio esquecidas. Deixem-nos recordar algumas delas, traçando um perfil de um discípulo/a de Cristo.

**F) PERFIL DOS/AS DISCÍPULOS/AS DE CRISTO:**

a. O A DISCÍPULO/A IRRADIA PAIXÃO POR CRISTO.

Nosso primeiro e decisivo compromisso, como discípulos de Cristo, deve ser com Ele como Senhor e Salvador de nossas vidas. Devemos irradiar isso. Os sermões de Wesley e de Lutero são depoimentos e mensagens de corações apaixonados por Jesus e seu Evangelho. Paulo era radical quanto a isso. Vejamos seu próprio depoimento: “Mas o que, para mim, era lucro, isso considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras, considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as

coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo...” (Fp 3.7-10). Jesus mesmo deixou claro que ele deve ser prioridade, ainda que nós muitas vezes não o coloquemos nesses termos. Recordando que o maior obstáculo somos nós mesmos, nossos interesses pessoais. Mas também que não faremos discípulos se não formos discípulos/as, e sendo, irradiaremos esta paixão por Cristo.

b. O DISCÍPULO É ALGUÉM EM DECISIVA E PERMANENTE UNIÃO COM CRISTO.

Paulo dizia: “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.” (Gl 2.20). É a total fusão, dependência do Cristo. Jesus mesmo ensina: “Permaneeci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.” (Jo 15.4-5).

c. O DISCÍPULO É ALGUÉM QUE RECONHECE E ESCOLHE A CRUZ.

A cruz é uma realidade. Ainda que alguns tentem escondê-la, ela é o maior símbolo do Cristianismo. Hoje, há tentativas de transformar a fé cristã numa religião da negação do sofrimento, da exaltação, do prazer e da prosperidade. Mas o Cristianismo, embora considere alegria, prazer, prosperidade, frutos da vida cristã, não tem vergonha da cruz; pelo contrário, a considera o poder de Deus. Não foge da cruz, mas a assume a cada dia. Afinal, foi esta a ordem de Jesus: “Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia-a-dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará.” (Lc 9.23-24). Não escolher a cruz, nos termos das palavras de Jesus, é escolher o mundo, é perder a verdadeira vida.

d. O DISCÍPULO É QUE SEGUE A CRISTO, E DELE APRENDE.

A expressão freqüente de Jesus aos discípulos foi **segue-me**. Somos seguidores de Jesus, e isso significa **andar** com ele, andar nos seus caminhos e não nos nossos caminhos: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.” (Mt 11.29). Os discípulos estavam sempre em aprendizado com ele. O verdadeiro discípulo/a nunca pára de aprender de Jesus: “Vendo Jesus às multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo:” (Mt 5.1-2).



e. O DISCÍPULO PERSEVERA EM OBEDIÊNCIA NA PALAVRA.

Jesus deixa claro que segui-lo é andar em obediência à sua Palavra: “Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos.” (Jo 8.31). Esse é também um caminho de bênção e de sentir o cuidado do Senhor para conosco: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.” (Jo 15.7).

f. O DISCÍPULO QUE É PASTOR/A E LÍDER SE TORNA MODELO PARA O REBANHO.

“Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna.” (1Tm 1.16)

“O que também aprendestes e recebestes e ouvistes e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco.” (Fl 4.9)

Que grande responsabilidade ser modelo para o rebanho, ser modelo pra o mundo! É isto que Deus espera do/a Pastor/a como discípulo/a e discipulador/a. Não podemos ser pecadores/as formando pecadores/as, mas servos/as de Deus, formando servos/as de Deus.

---

## PARTE II

### PASTOR/A E DISCIPULADOR/A NO DIA-A-DIA DA MISSÃO

Deixe-nos começar com as recomendações de João Wesley aos/as pastores/as: Os ministros devem ir à frente do rebanho (como é o costume dos pastores orientais até hoje) e guiá-lo em todos os caminhos da verdade e da santidade; precisam alimentá-lo com as palavras de vida eterna; nutri-lo com o “puro leite da palavra”; aplicando-o continuamente à doutrina; ensinando-lhe todas as doutrinas essenciais contidas na palavra; “para chamá-lo à ordem” admoestando-o se se desvia do caminho para a direita ou para a esquerda; “para corrigi-lo”, mostrando-lhe como

endireitar o que está errado e trazê-lo de volta ao caminho da paz; para “instruí-lo na justiça”, treinando-o na santidade, “até que venha a ser perfeito, até que alcance a medida da estatura da plenitude de Cristo”.

Eles têm de “velar pelas vossas almas como aqueles que hão de dar conta das mesmas”. Como aqueles que hão de dar conta!” Quão indizivelmente solenes e terríveis são essas palavras! Possa Deus escrevê-las no coração de todos os guias de almas!

#### **A) APRENDENDO COM O APÓSTOLO PAULO A DISCIPULAR**

Sem dúvida, num estudo bem apurado de Atos dos Apóstolos, salta aos olhos a figura de Paulo. Vamos começar estudando Paulo em Atos, depois nas Epístolas. Preferimos uma metodologia que pretende seguir uma breve reconstituição histórica da caminhada da Igreja Primitiva. Embora a redação de Atos seja posterior à das epístolas (mais ou menos 85 a 90 da era cristã) esse livro evoca tradições históricas anteriores às epístolas paulinas, dando-lhes detalhes da vida de Paulo que não encontramos nas cartas.

- a) *“E as testemunhas lançavam seus vestidos aos pés de um jovem chamado Saulo.”* (At 7.58)

Paulo, o apóstolo discipulador, teve antes que ser discipulado. Não há dúvida, para os estudiosos de Paulo, que o testemunho do martírio de Estevão foi determinante na posterior experiência de conversão de Paulo.

O entusiasmo e crescimento que a Igreja experimentou provocaram uma perseguição intensa; dentre os perseguidores estava Saulo. O vigoroso e sincero Saulo e seus companheiros fariseus devem ter contemplado testemunhos ousados e edificantes como o de Estêvão. Esses testemunhos devem ter se tornado a base sobre a qual Deus atuou para a conversão de Saulo.

O modo como Estêvão viveu e pregou o evangelho foi o primeiro ensino cristão que Saulo recebeu. Sobre a personalidade desse evangelista, diz o texto de Atos: “Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.” (At 6.3,8). Ainda sobre Estêvão, cujo testemunho influenciou Saulo, há os que sustentam ter sido ele o líder de um certo grupo de cristãos entusiastas e cheios do Espírito Santo, caracterizado por uma religiosidade de estilo itinerante e profético.

Quando em perseguição aos discípulos (cf. At 9.1), Saulo teve a sua experiência de conversão, quase chegando a Damasco. Naquela cidade Saulo foi discipulado, segundo algumas evidências, por Barnabé (cf. At 9.27). Segundo seu depoimento, antes de assumir qualquer

ministério, ele esteve retirado durante três anos (cf. Gl 1.17-18), só se tornando missionário após a viagem a Jerusalém, onde Barnabé o tomou como companheiro.

A companhia de Barnabé foi muito útil também na formação de Paulo. Depois vamos encontrá-los em Antioquia, sendo enviados em missão aos gentios (cf. At 13.2). É verdade que Paulo cresceu em sua experiência e, após a primeira viagem, já assumiu a liderança de um grupo missionário próprio.

Assim, rompeu com Barnabé um convívio no qual ele, Paulo, certamente aprendeu muito, inclusive o cuidado com os novos convertidos (cf. At 14.21-22). A razão da separação foi, antes de tudo, zelo missionário de ambos e a discordância sobre a presença ou não de João Marcos na equipe (cf. At 15.35-39).

b) *“E passou ela Síria e Cilícia, confirmando as Igrejas.”* (At 15.41)

Pode-se dizer que o ministério de Paulo teve dois níveis. Um de natureza mais pública, com as Igrejas que ele fundara. Nesse nível, ele trabalhava os problemas das Igrejas. Com seu zelo de discipulador, preocupava-se com o crescimento dessas comunidades na vivência da fé cristã.

Esse discipulado, Paulo desenvolvia pelo testemunho de sua vida, pelo ensino no contato pessoal (cf. Rm 1.10-13, 1Co 2.1) e, acima de tudo, pelas epístolas, nas quais ele orientava a comunidade sobre como agir diante de situações práticas da vida cristã (cf 1Co 5.9-13). O outro nível foi de natureza pessoal. Assim como Jesus, Paulo também teve seu círculo de discípulos (cf. Fp 2.19-25).

O círculo dos que foram discipulados por Paulo inclui muita gente, mas os principais, pode-se dizer, foram: Timóteo, Lúcio, Jason, Tércio Gaio, Priscila, Áquila, Lucas, Epafrodito, Tito, Tíquico, Dermas, Onésimo, Filemon; alguns incluem Silas ou Silvano, mas este, quando passa a companheiro de Paulo (cf. At 15.40), aparentemente já tinha alguma experiência.

Em 2 Timóteo 2.1-3, temos um esquema que certamente fez parte da prática de discipulado em Paulo. Diz ele, escrevendo a Timóteo: “Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus.” Vemos, no discipulado de Paulo, um amor profundo para com aqueles que Deus lhe dera para discipular. Uma relação semelhante a de um pai e seu filho. Tal relacionamento, quando calcado numa relação cristã madura, pode ser altamente benéfico.

Na verdade, nós sabemos que quando alguém se converte é como um novo nascimento (cf. Jo 3.3-7) e, por isso mesmo, necessita de um pai ou conselheiro, ou discipulador, como quisermos chamar. Alguém que ajude essa nova criatura em Cristo a fortificar-se na graça, até

que possa andar sozinha e possa ser um discipulador, ou seja, mais um ministro no Corpo de Cristo. De certa forma, esse papel deve ser assumido pelo líder do grupo de discipulado, ao qual o novo cristão se integra.

Além dos pais, uma criança precisa de um lar, e o lar para o novo convertido deve ser a comunidade da fé, a Igreja. Do contrário, será uma criança abandonada, como, aliás, têm sido muitos dos novos convertidos em nossas Igrejas. E criança não gera outra criança. Precisa primeiro, ser alimentada e crescer. Uma vez madura, estará em condição de dar frutos através de algum ministério.

Paulo sabia que grande parte dos problemas que ele enfrentara nas Igrejas fora consequência de atitudes de cristãos imaturos em Cristo. À Igreja em Corinto, onde ele tivera tantos problemas, escreveu: “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo.” (1Co 3.1). Exatamente por saber que para expansão do Reino de Deus, é importante que os(as) obreiros(as) sejam maduros em Cristo, Paulo insiste com Timóteo no cuidado pessoal da fé e no crescimento, na experiência cristã na Palavra. “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.” (2Tm 2.15).

Pode-se dizer que, no círculo mais particular dos discípulos, esse era o alvo que Paulo tinha para cada um dos obreiros(as) que Deus lhe dera para discipular, não somente Timóteo. Aqui entram também mulheres, como Evódia e Síntique, as quais Paulo ajudou para que tivessem unidade (cf. Fp 4.2).

Investir tempo e cuidado em um grupo de discípulos rendeu a Paulo a alegria de ver seu ministério multiplicado através desses obreiros. Prova disto é que, para lidar com os problemas difíceis de Corinto, não podendo estar lá, Paulo enviou Timóteo. Ao ver o seu progresso, Paulo pôde nele confiar (cf. 1Co 16.10s).

c) *“E o que de minha parte, entre muitas testemunhas, ouviste, confia a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros.”* (2Tm 2.2).

O cuidado com os discípulos visa, além da sua formação na vida cristã, à continuidade da obra de anúncio do Reino de Deus. Não há dúvida: quem discipula deve ter consciência da responsabilidade que isso representa. Ao/À discípulo/a/ cabe transmitir a outros/as/ o que recebeu.

Paulo mostra, com eficácia, que a recepção e a transmissão são a base do discipulado. Quando, em Corinto, alguns membros de uma corrente grega herética afirmavam que a ressurreição já se realizara espiritualmente e que não havia ressurreição do corpo, Paulo escreve,

baseado na tradição apostólica que recebera: “Porque, principalmente, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitado ao terceiro dia.” (1Co 15.3-4). Ele orientou assim os irmãos em Corinto, com um discipulado centrado na autoridade da Palavra e defesa contra modismos e até heresias.

Paulo tinha fé e autoridade na mensagem que transmitia, e seus discípulos acompanhavam tal fé e autoridade. Quando ministramos acerca de nossa fé, os novos discípulos, a quem ministramos, devem se tornar também propagadores dela.

É necessário que vejam nossa coerência, integridade e autoridade, como o povo via em Jesus e não via nos fariseus. Ou como Timóteo viu em Paulo. Ou seja, é necessário sermos os primeiros a agir de acordo com o que ensinamos.

Por outro lado, é bom que entendamos que, quando Paulo fala em “fiéis e idôneos”, ele está evocando critérios na seleção dos obreiros, nos quais precisamos investir tempo, para habilitá-los a um ministério de liderança na comunidade. Mesmo assim, vamos ter decepções em nossos grupos de discipulado, como Jesus teve. E Paulo teve com o Alexandre, o latoeiro, ou Demas.

Nós e as lideranças dos grupos de discipulados teremos irmãos ou irmãs aos quais vamos dedicar atenção e não seremos correspondidos. Mas haverá outros, como Paulo teve a Timóteo, Lucas e aqueles que o acompanharam até a prisão, sendo verdadeiras bênçãos para Paulo e para o cristianismo primitivo.

## **B) O DISCIPULADO E SUA ORGANIZAÇÃO EM GRUPOS PEQUENOS.**

### **CONSIDERAÇÕES PRÁTICAS.**

O caminho do discipulado em grupos pequenos NÃO É MAIS UM PROGRAMA DE EDIFICAÇÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA. É SIM UM MODO BÍBLICO E WESLEYANO DE EXISTIR COMO IGREJA. Use todos os meios para contagiar sua Igreja com esta visão. Não inicie nenhum grupo de discipulado sem que esta visão e verdade espiritual tenha sido passada a toda a Igreja. Para isto ore, ore muito, seja sábio e criativo, visão espiritual e princípios bíblicos são ministrados e não impostos. Para isto, considere as observações práticas que se seguem:

a) Recuperar a tradição wesleyana dos grupos pequenos, nos quais as sociedades do metodismo primitivo eram organizadas, cujo objetivo claro era, segundo Wesley, “um grupo de homens procurando o poder da piedade, unidos para orar juntos, para receber a palavra em

exortação e para vigiar uns pelos outros em amor, a fim de que possam auxiliar-se mutuamente a conseguir sua salvação.”

b) Desenvolver os objetivos do Discipulado resumidos nesses três aspectos: crescimento dos novos membros, integração no programa de Dons e Ministérios da Igreja e formação e treinamento de novos líderes (convivência, comunhão e aprimoramento das pessoas em seu relacionamento interpessoal, consigo mesmas e com Deus, segundo necessidades e condições específicas). O Discipulado não é, portanto, mais um programa da Igreja, mas está em relação direta com a dinâmica de Dons e Ministérios, que orienta os membros da Igreja no cumprimento da missão, sobretudo da Grande Comissão (Mateus 28.18-20).

c) A Igreja Metodista reconhece o valor e a importância do Discipulado Cristão. Muito mais do que uma técnica ou fórmula, o discipulado é um modo de ser e de viver. Cremos que, em Jesus Cristo, ao examinar o seu ministério e a forma com que se relacionava com seus discípulos, temos a expressão mais exata do Discipulado. Cremos que o Discipulado é um estilo de vida (mais do que um método, plano ou programa) no qual a comunhão, convivência, a intimidade, o relacionamento e a busca de caráter estão em contínuo processo de desenvolvimento.

d) Reunir famílias e amigos/as da Igreja, que residam em um mesmo bairro, com o propósito de “educar-nos e orientar-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente.” (Tito 2.12). E assim, aprender a Palavra de Deus uns com os outros, servindo de apoio mútuo, em oração, amor e esperança.

e) Reunir um grupo de novos convertidos, para que alcancem a maturidade em Cristo Jesus e “apresentem-se a Deus aprovados, como obreiros e obreiras que não têm do que se envergonhar e que manejam bem a palavra da verdade.” (2 Timóteo 2.15). Com isso, aprendam a ser disponíveis para Deus, descubram seus talentos e dons espirituais e desenvolvam seu ministério, amparados num caráter cristão justo, santo e irrepreensível.

f) Reunir irmãos e irmãs nos bairros estratégicos em grupos familiares, com o objetivo de acolher vizinhos/as e amigos/as que não conheçam o Evangelho, e demonstrem interesse em participar de um grupo de oração e estudo bíblico, ajudando-os a ter um encontro com Cristo.

g) Reunir a liderança formal e informal da Igreja para momentos de pastoreio mútuo, oração, comunhão e desenvolvimento do espírito de companheiros de jugo. Os membros de um determinado ministério podem formar um grupo de Discipulado.

h) Reunir grupos de casais com objetivo de partilhar experiências, estimular experiências, estimular o convívio comum, estudar temas significativos que possam aperfeiçoar e aprofundar o relacionamento e a vivência comuns, à luz da orientação bíblica.

i) Reunir pessoas e grupos com o objetivo de aprimorar a capacitação das pessoas visando ao exercício de Dons e Ministérios, à intimidade no relacionamento com Deus e à convivência entre as pessoas.

j) Criar, em qualquer das experiências acima, um ambiente de fraternidade, comunhão e confiança, no qual as pessoas possam, durante os momentos de estudo da Palavra de Deus, compartilhar suas lutas e sonhos, ajudar e acolher outros/as, fazendo novos discípulos e discípulas de Jesus.

k) Oportunidades de retiro espiritual. Nosso contato com o rebanho é no dia-a-dia superficial. São três horas no domingo, duas horas durante a semana. Nosso convívio, e por conseguinte nossa influência, é muito pequena frente a diversos outros relacionamentos na sociedade.

Por isso que manter um programa permanente de retiro espiritual é um meio de estar mais tempo com o povo, levando-o a uma experiência espiritual de maior intimidade com Deus, onde pecados ocultos são trazidos à tona, curados e perdoados. Cria-se maior comunhão entre ovelhas e pastor, e maior confiança. Wesley fazia um retiro semanal com sua equipe.

l) Transforme cada reunião de ministério ou de órgãos administrativos em um espaço discipulador. O que queremos dizer com isto é que o/a pastor/a precisa dar o tom, passar a visão sempre. Não permita que se mantenham reuniões estereis que não levam a nada, transforme-as em momentos espirituais. Nas reuniões de grupos administrativos, por exemplo, antes de discutir receita e despesa, troca de pia do banheiro, introduza um texto bíblico, sublinhe um ou dois princípios espirituais, isto em 10 minutos, dê um versículo bíblico para memorizarem, gaste outros 10 minutos em oração. Acabe com reuniões sem conteúdo espiritual, não esqueça que

você é um/a pastor/a, esta é uma obra, antes de tudo, espiritual, cujo objetivo é FAZER DISCÍPULOS.

m) Atenção: Sua CLAM é seu primeiro grupo de discipulado. Transforme sua CLAM num verdadeiro grupo de discipulado. Reúna-se no mínimo uma vez por mês com eles. A prioridade é torná-los todos discípulos e discipulas de Cristo: “O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.” (Cl 1.28). Se possível ocupe um sábado, toda a manhã e almoce juntos. Faça um retiro com eles, isto a cada 3 meses, se possível. Dentre esta liderança é que vai começar a aparecer os futuros líderes de grupos pequenos. Outra vantagem é que ao transformar sua CLAM num grupo de discipulado você está trabalhando e formando um caráter cristão naqueles que estão à frente dos diversos segmentos da Igreja. Ao mesmo tempo, aqueles que não estão dispostos a levar a vida cristã a sério, vão ficar pelo meio do caminho, enfim aos poucos o povo vai sendo desafiado e cobrado pelo Espírito a uma vida cristã séria e madura.

n) O Curso de Formação de Líderes é prioridade. Você não tem como pastorear sozinho. Lembre-se do conselho de Jetro ao seu genro Moisés (cf. Ex 18.17-22). O/A pastor/a faz-tudo, se estressa e não consegue frutificar.

Você precisa formar líderes, homens e mulheres maduros e íntegros na fé. Gostamos das expressões qualificadoras de Atos dos Apóstolos sobre os que seriam escolhidos para o diaconato: “... sete homens de **boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria ...**” (At 6.3).

Você já sabe que não tem escolha, precisa treinar líderes. De onde recrutá-los? Bem, deixe-nos dizer que Jesus passou uma noite orando antes de escolher os 12 discípulos. Você deve orar muito, e Deus vai mostrar. Siga os critérios de Atos, ore, recrute no retiro, na CLAM, e organize sua escola de líderes para os grupos pequenos. Nem todos que vão para o curso permanecerão, nem todos se revelarão aptos. Por isso você pode inscrever um número maior, pois vai ocorrer no decorrer do curso uma seleção natural e espiritual.

Dentre os que fizerem o curso de formação de líderes para grupos pequenos é que você vai selecionar os líderes para os grupos que você vai formar. É bom, se possível, que haja um líder e um auxiliar. Atenção! Use para o curso o material preparado pelo Colégio Episcopal.



o) Os líderes dos grupos de discipulado são os grupos de discipulado do/a pastor/a. Sim, a Igreja precisa perceber que o/a pastor/a é também um discipulador. Ele/a não só manda fazer, ele/a faz!

Acima de tudo é decisivo que as lições que vão ser dadas nos grupos pequenos sejam ministradas antes pelo/a pastor/a aos líderes dos grupos pequenos.

Esta frequência é adaptável, mas o/a pastor/a deve ter no mínimo dois encontros mensais com os líderes dos grupos, no qual o clima de um grupo de discipulado é vivido intensamente, ali o/a pastor/a dá o “tom” das lições bíblicas que serão ministradas.

### **C) GRUPOS DE EDIFICAÇÃO, SANTIFICAÇÃO, MATURIDADE CRISTÃ E EVANGELISMO NA VIDA DA IGREJA.**

Como vimos, a figura do pastor ou pastora é fundamental no processo dos grupos de discipulado. Ainda que reconheçamos ser esse um movimento de toda a Igreja local e uma valorização do ministério leigo, o pastor ou pastora é o grande motivador, orientador e estimulador de todo processo.

Isso é visível quando retornamos à Bíblia. Jesus foi quem preparou os primeiros discípulos, tornou-os discipuladores, os supervisionou, os recebeu após a primeira experiência, avaliando com eles: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus.” (Lc 10.20).

João Wesley manteve um programa constante de visitas às Sociedades Metodistas em cada cidade, visitando as classes, que eram os pequenos grupos de discipulado, geralmente de 12 pessoas. Vejamos seu depoimento sobre uma visita a uma Sociedade e suas classes, como pastor do movimento metodista: “Domingo, 6 de março de 1743 – Li, na Sociedade, as Regras (Gerais) que todos os seus membros devem guardar, e insisti em que cada um considerasse bem se estava pronto a observá-las ou não. Que abalaria muitos deles, eu bem sabia; portanto, na segunda-feira, dia 7, comecei a visitar as classes outra vez para ‘que não se extravie o que é manco’”.

Atenção, não há reunião administrativa que seja mais importante que a prioridade dos grupos de discipulado. Ao organizar sua agenda após seu momento diário com Deus e com a família, deve haver um momento com os líderes dos grupos de discipulado, os discipuladores.

Nenhuma pastoral de discipulado subsiste sem a presença do pastor ou pastora. Esse/a deve enfatizar tal programa de discipulado, reunir sua liderança para um retiro, passar a visão bíblica

aqui representada. Sob hipótese alguma o/a pastor/a deve promover tal pastoral discriminando quem quer que seja na Igreja.

Todo o povo de Deus deve ser incluído. Contudo, a adesão é livre, os membros devem ser conquistados, e não obrigados a participar.

---

## CONCLUSÃO

Com estas orientações pastorais os bispos e bispa da Igreja colocam diante da comunidade metodista aquilo que crêem ser o que o Espírito diz à Igreja neste momento.

Como escrevemos no início desta carta *“falar da graça e do discipulado é, para nós Metodistas, caminhar no núcleo da nossa herança bíblica doutrinária, o que é bom por nos ajudar a fortalecer nossa identidade cristã Metodista.”* No decorrer desta carta abordamos os contornos de nossa herança bíblico-doutrinária, olhando para a graça em suas características de “salvadora” e “justificadora”, com seus desdobramentos no “testemunhá-la” e seus frutos no “fazer discípulos”.

Na segunda parte abordamos as questões práticas na caminhada da Igreja, onde o ministério pastoral é discipulador, e busca organizar a vida de uma igreja discipuladora.

No próximo biênio 2010-2011 daremos continuidade a esta Carta Pastoral - “Testemunhar a graça de fazer discípulos e discípulas” - buscando mostrar a dinâmica da unidade do Corpo de Cristo, a fim de que tenhamos um discipulado comprometido com a totalidade dos ensinamentos de Jesus Cristo. A Unidade Cristã não é uma questão de opção, mas um mandamento do Senhor para a sua Igreja. Jesus orou suplicando: “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17.21). Por isso como Colégio Episcopal exortamos a Igreja, no sentido de que todos os nossos esforços gerem unidade no fazer discípulos e discípulas do Senhor.

Que o Deus da graça, que se fez carne em Jesus Cristo, e impulsiona-nos pelo sopro do Santo Espírito, possa nos fortalecer para a missão.

Com carinho pastoral,  
*Bispos e Bispa da Igreja Metodista.*